

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/SOCIOLOGIA**

THYARLES SOARES LIMA

**O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DOS AFLITOS EM SANTA QUITÉRIA: um
estudo etnográfico das nuances do sagrado e do profano**

São Bernardo-MA

2018

THYARLES SOARES LIMA

**O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DOS AFLITOS EM SANTA QUITÉRIA: um
estudo etnográfico das nuances do sagrado e do profano**

Trabalho de conclusão de graduação,
apresentado à Universidade Federal do
Maranhão - UFMA, como requisito para
obtenção do grau de Licenciado em Ciências
Humanas - Sociologia.

Orientador: Thiago Pereira Lima

**São Bernardo-MA
2018**

**Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a)
autor(a).Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA**

Soares Lima, Thyarles.

O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DOS AFLITOS EM SANTA
QUITÉRIA: um estudo etnográfico das nuances do
sagrado e do profano / Thyarles Soares Lima. - 2018.
40 f.

Orientador(a): Thiago Pereira Lima.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências
Humanas - Sociologia, Universidade Federal do
Maranhão, São Bernardo, 2018.

1. Festejo. 2. Maranhão. 3. Profano. 4. Sagrado.

THYARLES SOARES LIMA

**O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DOS AFLITOS EM SANTA QUITÉRIA: um
estudo etnográfico das nuances do sagrado e do profano**

Trabalho de conclusão de graduação,
apresentado à Universidade Federal do
Maranhão - UFMA, como requisito para
obtenção do grau de Licenciado em Ciências
Humanas - Sociologia.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Pereira Lima (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof^a Ma. Laura Rosa Costa Oliveira
(1^a examinadora)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Ms. João Pedro de Santiago Neto
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

AGRADECIMENTOS

Setembro é tempo de festa em Santa Quitéria do Maranhão. Momento de render graças, fortalecer a fé e renovar os pedidos a Nossa Senhora dos Aflitos. Eu também tenho muito a agradecer a ela e às pessoas que tornaram possível a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que é lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho. A Nossa Senhora por estar sempre à frente intercedendo por mim.

Agradeço à minha família que me apoiou e me amparou durante esses quatro anos de curso. Sem eles, esse trabalho talvez não fosse possível. Aos meus professores e amigos. Serei eternamente grato a todos.

“*Sagrado e profano* falariam de dois mundos contrários em torno dos quais gravita a vida religiosa” (ELIADE, 1996, p. 22).

RESUMO

Esta pesquisa intitulada O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DOS AFLITOS EM SANTA QUITÉRIA: um estudo etnográfico das nuances do sagrado e do profano, com um recorte temporal de 1982 a 2018, tem como objetivo conhecer os elementos de natureza sacralizada e profana no contexto do festejo. Além disso, destaca os conflitos e mudanças ocorridos na transferência da Matriz para a *cidade nova* em 1982 e como os elementos sacros e profanos estão presentes. Como procedimento metodológico, foram utilizadas pesquisas bibliográficas, trabalho etnográfico, observação participante e depoimentos de antigos moradores da *cidade velha*. O trabalho de campo nos mostrou que os moradores ainda externam suas saudades dos tempos do festejo e revolta pela brusca mudança: a quebra da tradição de mais de oitenta anos. A dinâmica da Festa a Nossa Senhora dos Aflitos possui estreita ligação que tem com a história de Santa Quitéria em todos os seus aspectos.

Palavras-Chave: Festejo, Sagrado, Profano, Santa Quitéria, Maranhão.

ABSTRACT

This research entitled THE CELEBRATION OF OUR LADY OF THE AFLITOS IN SANTA QUITÉRIA: an ethnographic study of the nuances of the sacred and the profane, with a temporal cut from 1982 to 2018, aims to know the elements of sacrificial and profane nature in the context of the celebration. In addition, it highlights the conflicts and changes that occurred in the transfer of the Matrix to the new city in 1982 and how the sacred and profane elements are present. As a methodological procedure, bibliographical research, ethnographic work, participant observation and testimonies of former residents of the old city were used. The fieldwork has shown that the residents still express their homesickness of the times of the celebration and revolt by the sudden change: the break of the tradition of more than eighty years. The dynamics of the Feast to Our Lady of the Aflitos has a close connection with the history of Santa Quitéria in all its aspects.

Keywords: Celebration, Sacred, Profane, Santa Quitéria, Maranhão.

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO	9
2 A FESTA SEGUNDO A ANTROPOLOGIA.....	12
3O SAGRADO E O PROFANO: uma discussão conceitual.....	18
4O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DO CARMO/AFLITOS: o contexto histórico	22
4.1 A face sagrada do festejo	25
4.2 A face profana do festejo.....	29
5CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERENCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

O homem, na sua maioria, é um ser religioso por natureza e considera-se conectado com um *Ser Supremo* expressando-se, assim, por meio de inúmeras práticas religiosas de culto festivo às suas divindades, sejam elas exaltadas do ponto de vista *sagrado* ou *profano*¹. Partindo-se deste pressuposto, abordei como temática deste trabalho uma experiência religiosa de cunho popular: *O festejo de Nossa Senhora dos Aflitos* realizado na cidade Santa Quitéria do Maranhão. A problemática que anima a pesquisa são os seus aspectos *sagrados* e *profanos*, no recorte temporal de 1982 a 2018, incorporando, na dinâmica da análise, o movimento de acontecimentos que perpassam a história deste evento. Com este trabalho, procurei conhecer as características destes aspectos, bem como suas implicações, geradas pela transferência da Matriz da *cidade velha* para a *cidade nova* em 1982².

É um grande momento de demonstração pública, de fervorosa devoção a *Nossa Senhora*. Essa festa nos traz a oportunidade para observar toda uma série de elementos ligados à cultura, aos modos de fazer, aos saberes e relações sociais em Santa Quitéria do Maranhão.

Estudando os acontecimentos característicos dessa festa é possível compreender como se dramatizam uma série de valores, visões de mundo de um povo, bem como se reforçam aspectos relativos à identidade, ao pertencimento a um lugar e formas de vínculo entre sujeitos sociais.

O interesse pelo estudo da festa em honra a *Nossa Senhora dos Aflitos*, está ligado ao fato de que nasci em Santa Quitéria, participo desde a infância do festejo e sou fiel devoto da *santa*. As noites de novenas, os passeios pela cidade em dias de festa, os visitantes, o levantamento do mastro, a procissão, assim como todos os outros acontecimentos que compõem o festejo, fazem parte da minha vida.

A pesquisa foi realizada com base nas seguintes fontes: depoimentos orais de antigos moradores da cidade velha que participam da dinâmica do festejo e

¹ BERAKASH. **O Homem é por natureza um ser religioso**. Disponível em: [HTTPS://berakash.blogspot.com/2012/.../o-homem-e-por-natureza-um-ser-religioso.html.br](https://berakash.blogspot.com/2012/.../o-homem-e-por-natureza-um-ser-religioso.html.br). Acesso em: 13/08/2018.

² *Cidade velha* ou *Santa Quitéria Velha* foi a sede do município de 1912 a 1943. Devido as cheias do Rio Parnaíba no período chuvoso a sede do município foi transferida para uma parte alta chamada Planalto Bacuri que, posteriormente, passou a ser chamada de *Santa Quitéria Nova* ou *Cidade Nova*.

preservam na memória lembranças da origem da festa em honra a *Nossa Senhora dos Aflitos*. Os moradores são: Terezinha Rodrigues (71 anos), Maria da Conceição Almeida Feitosa (80 anos) e Maria José (95 anos), conversei com elas por compreender que por meio da memória pode-se resgatar aspectos fundantes da identidade de um povo como - os seus costumes, a sua vivência do *sagrado* e a sua fé.

Nesta pesquisa, optei pelo estudo etnográfico “por expressar a necessidade de observar e escutar as pessoas, e não interrogá-las, para preservar suas iniciativas de classificação e o domínio sobre suas palavras” (WEBER, 1958, p.27).

Vale mais a pena escutar os nativos do que interrogá-los, não somente para ouvir suas próprias classificações, mas também para evitar receber as respostas que não seriam, senão o espelho das questões e das expectativas do pesquisador. Para além do fato de que, ao lado de uma pesquisa por questionário, o pesquisador procura agradar, inventando respostas que, em seu entender, deverão satisfazê-lo, pode ser que a formulação da questão não tenha qualquer sentido para o questionado, ou antes, que não tenha outro sentido senão a confrontação entre dois universos sócio-linguístico hierarquizados (WEBER, 1958, p. 29).

Analiso a festa, numa perspectiva etnográfica, tomando como referência toda sua dinâmica e construção simbólica, pois a etnografia nos permite compreender os costumes, as crenças e as tradições que são transmitidas de geração em geração bem como perceber como se dá a continuidade de uma determinada cultura ou de um determinado sistema social.

No tocante às questões teóricas e metodológicas relativas ao tema desta pesquisa, recorri à revisão de literatura de diversos textos sobre esta temática e destaquei os de Carneiro (2008) - *Devoção e festa no sertão baiano: Juazeirinho (1930-2008)* e de Jurkevics (2004) – *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações da religiosidade popular*. Acrescentem-se ainda os textos clássicos de uma das maiores estudiosas do assunto Mircea Eliade (1996), que apresenta o elo e a oposição que existem entre o *sagrado* e o *profano*. Os documentos de Arquivos das Paróquias de Santa Quitéria e São Bernardo como: livros de Tombo e livros de registros de batismos e casamentos foram muito importantes para a realização desta pesquisa.

As festas religiosas são expressões culturais presentes na vida social de diversos povos, por meio de rituais e celebrações, e reafirmam os laços de

identidade cultural coletiva. Nesse cenário, o Brasil tem uma especificidade que é ser fruto de um denso, complexo e conflituoso processo de encontro entre matrizes culturais distintas, a saber: europeus, africanos e os grupos indígenas. Nesse sentido, é cabível abordar este tema de grande relevância para a história de Santa Quitéria do Maranhão.

O festejo de Nossa Senhora dos Aflitos é celebrado no mês de setembro. Este era, anteriormente, feito na *cidade velha*, porém passou a ser realizado na *cidade nova* por conta de fatores políticos, administrativos e naturais. Até 1979, ele era celebrado pelos padres de São Bernardo-Ma, a partir desse ano assume o primeiro padre da paróquia de Santa Quitéria, o Pe. André Mayszor, que com a ajuda de membros da comunidade passaram a organizar a dinâmica do festejo.

Vale destacar que esta festa modifica a paisagem da cidade. Na montagem de seu cenário, contam-se uma dezena de barracas úteis para os mais variados fins – o comércio de alimentos, roupas, equipamentos e ferramentas usadas no trabalho de roça, bem como outros objetos. Acrescenta-se também, a montagem de um parque de diversão; uma grande quantidade de veículos com romeiros, visitantes e vendedores ambulantes. Por essa época, as pessoas que nasceram em Santa Quitéria que moram em outras cidades chegam para participarem desta tradição religiosa e festiva, que permanece atrativa em toda a região. Portanto, trata-se de um evento que se supõe ser um dos maiores realizados no território do Baixo Parnaíba.

Ressalta-se que uma das principais manifestações religiosas brasileiras é a *Festa do Divino*, trazida para o Brasil pelos jesuítas portugueses no século XVIII. Comemora-se no dia de *Pentecostes*, no qual a Igreja Católica celebra a descida do *Divino Espírito Santo* sobre os apóstolos. Destacam-se ainda outras festas do mesmo perfil: o *Círio de Nazaré*, em Belém do Pará; a festa em honra a *Nossa Senhora Aparecida*, em Aparecida – SP; o festejo em honra a *São Francisco de Assis*, em Canidé - CE, o festejo de *São José de Ribamar*, em São José de Ribamar - MA, o festejo de *São Raimundo Nonato dos Mulundus*, em Vargem Grande - Ma e as demais que constituem uma densa relação entre o sagrado e o profano que, apesar de estarem próximos, têm suas especificidades.

Esta monografia está estruturada da seguinte maneira: na segunda seção, analiso a festa numa perspectiva antropológica. Na terceira seção, apresento discorro sobre as ideias de *sagrado* e o *profano*. Na quarta seção, tento fazer uma

etnografia da festa de *Nossa Senhora dos Aflitos*, abordando suas origens e seu processo de realização. Abordo todas as etapas de sua realização: *o mastro*, *as novenas*, *a grande missa* celebrada pela manhã no dia 08 de setembro e a *procissão* de encerramento.

Neste trabalho, apresento a análise que se fez a respeito das dimensões do *o sagrado* e do *profano* que perpassam a dinâmica da festa de *Nossa Senhora dos Aflitos*, bem como, a relação que tem com a história da cidade de Santa Quitéria em seus aspectos sociais, econômicos e político-administrativos. O interesse por este festejo centenário deve-se a sua tradição e ao seu atrativo histórico marcado por rivalidades políticas geradoras, entre outros resultados, da transferência da sede velha para a nova e, por certo tempo, a formação de duas comunidades, uma em *Santa Quitéria Velha* e outra em Santa Quitéria, parte nova da cidade. Assim, se compreende que se trata de um objeto de estudo da maior relevância e, por isso mesmo, merece um estudo mais qualificado. Esta festa está inserida num calendário mais amplo constituído por outras festas religiosas realizadas em todo o território nacional.

2. A FESTA SEGUNDO A ANTROPOLOGIA

Na perspectiva das Ciências Humanas, a temática festa tem sido estudada a partir de diferentes ângulos e abordagens que impossibilitam qualquer tentativa de sintetizá-la. Os estudos clássicos acerca das reflexões teóricas sobre as festas, geralmente aparecem em uma vasta quantidade de trabalhos elaborados sobre festividades das mais variadas possíveis.

É nos estudos antropológicos que encontramos um dos mais ricos acervos de pesquisa sobre festas, como exemplos citamos Caillois (1950); Girard (1990); Leach (1972); Da Matta (1978).

Também merecem destaque os estudos proporcionados pela história que têm aprofundado a bibliografia sobre esta temática mediante a História Cultural. Nesta área aparecem Chartier (1988); Hunt (1992); Vovelle (1991); Ginzburg (1989), como desbravadores de diversos campos de análise, propostos por novas disciplinas como a Linguística e a Antropologia. Assim, notadamente “para os historiadores, o estudo das festas e da cultura religiosa popular é uma descoberta tardia” (CHARTIER, 1988, p.19).

Somente a partir do século XVIII começa a ganhar destaque o trabalho dos folcloristas e etnólogos europeus que começaram a observar e registrar essas manifestações populares. Segundo Couto (2010, p. 50), os olhares desses pesquisadores nativistas voltavam-se para religião popular, e as pequenas comunidades tradicionalmente marcadas pelo cristianismo constituíram os principais locais de coleta de informações.

Em geral, nessas pesquisas de orientação folcloristas “muitos faziam uso de conceitos já abandonados como o de ‘cultura espontânea’, ‘sobrevivência cultural’ e outros do mesmo gênero” (AMARAL, 1998. p. 23).

Esses registros eram todos descritivos e não existia nenhuma preocupação com o contexto cultural, econômico e social em que ocorriam as manifestações estudadas. Esses folcloristas preocupavam-se apenas em entender aquilo que era considerado ser “singular”, “original”, “tradicional”. Não existiam reflexões teóricas sobre os eventos, uma vez que a maior parte das abordagens eram tributárias de interesses filosóficos, literários ou o resultado de investigações diletantes de antiquários. Analisando por este viés, Couto (2010) diz que:

Assim, os folcloristas entendiam a religião popular como um conjunto de sobrevivências pagãs, superstições e gestos mágicos, imbricados com traços de cristianismo. As devoções e festas religiosas populares, que suscitaram tantas discussões e pesquisas, foram compreendidas dessa forma (COUTO, 2010, p. 50).

As reflexões sociológicas do século XIX ³, partindo da análise sistematizada de Durkheim, proporcionaram uma visão metodologicamente mais embasada para explicar os rituais e as festas das sociedades arcaicas. Se destaca o clássico livro “*As formas elementares da vida religiosa*”, que se tornou bibliografia fundamental para demarcar o desenvolvimento de uma reflexão particular acerca dos rituais e festas nas sociedades arcaicas. Em Durkheim (1983) encontra-se aquilo que ele mesmo vai chamar de representações coletivas, afirmando que a característica de toda religião é o “elemento recreativo estético”.

Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso [...] Enfatiza-se frequentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. Existem igualmente cerimônias religiosas que determinam como necessidade violar as regras ordinariamente mais respeitadas. Não é, certamente, que não seja possível diferenciar as duas formas de atividades públicas. O simples divertimento, [...] não tem um objeto sério, enquanto que, no seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre uma finalidade grave. Mas, é preciso observar que talvez não exista divertimento onde a vida séria não tenha qualquer eco. No fundo a diferença está mais na proporção desigual segundo a qual esses dois elementos estão combinados (DURKHEIM, 1983. p. 542-544).

Ainda segundo Durkheim (1983), as características principais do ritual festivo das sociedades, envolvem diferentes concepções existentes e imbricadas nas cerimônias religiosas: superação das distâncias, estado de efervescência coletiva e a transgressão das normas coletivas. Este autor afirma que:

[...] o indivíduo dentro de um sistema religioso, “desaparece” do grupo e passa a ser sobrepujado pela força coletiva do grupo. É no grupo, que a ritualidade supera a distância e abre-se para o fortalecimento e aproximações de laços de amizade, igualdades e emoções (DURKHEIM, 1983. p. 548).

Neste sentido, as crenças e devoções grupais reafirmam os laços sociais na vida em sociedade. Além disso, segundo o modo de ver de Durkheim, “as

³ Émile Durkheim (1983), Marcel Mauss (1974), Roger Caillois (1989) são as principais referências na literatura antropologia e sociológica clássica no que tange às primeiras e mais significativas proposições teóricas sobre a festa.

religiões e as festas fortificam os indivíduos para uma vida ‘menos tensa, mais livre’, à vontade, em um mundo que se desfaz as exigências da ‘vida séria’” (DURKHEIM, 1983, p. 547). Essa noção sobre o significado das festas (ainda que em perspectivas diferentes) reaparece sobre diferentes formas e nomes em todas as “teorias”,⁴ que envolvem este tema.

Sendo assim, na festa, os grupos e comunidades renovam suas forças, uma vez que a efervescência dos participantes muda as condições psíquicas dos envolvidos. Notadamente nos grupos que ritualizam, através de reuniões sagradas ou festas imbricadas no profano, há uma recriação do espaço resultante de uma ampla junção de elementos em todas as festas: músicas, bebidas, comidas, danças, cantos e rezas garantem a força simbólica presente no espaço. Neste sentido, a festa pode criar tanto uma íntima relação comunitária, como demonstrar os excessos⁵ que muitas vezes é evidente.

O estado de efervescência, no qual se encontram os fiéis que se reuniram, traduz-se por movimentos exuberantes, que não susceptíveis de serem explicados por nenhum objetivo estritamente definido. Pulam, dançam, gritam e cantam e nem sempre é possível entender o significado dessa agitação (DURKHEIM, 1983, p. 544).

Neste sentido, a festa não teria apenas o caráter de ordem social vigente, mas, de ruptura, momento em que se evidenciam as inquietações do homem. A festa demonstra a capacidade que têm todos os “[...] grupos de liberarem-se de si mesmo e de enfrentarem uma diferença radical no encontro com o universo sem leis e sem forma, que é a natureza na sua inocente simplicidade” (DUVIGNAUD, 1983, p. 212).

As festas apoderam-se dos espaços e grupos que incorporam ritos, motivos, organização e sociabilidades em comum:

A festa se apodera de qualquer espalho onde possa instalar-se. A rua, os pátios, as praças, tudo serve para o encontro de pessoas fora das suas

⁴ Poucos são os estudos que possibilitam a efetiva teorização sobre a festa. Normalmente teoriza-se sobre religiosidade e diversos aspectos sociais. Neste sentido, a festa comparece como elemento componente da análise e não propriamente como o objeto principal sobre o qual se teoriza. São encontrados, com mais frequência abordagens específicas (da festa como objeto) nas obras de autores que ligam à escola fenomenológica, como George Dumézil, Roger Caillois, René Girard, Mircea Eliade, entre outros.

⁵ A Festa, por seu lado, coloca o homem face a um mundo sem estruturas e sem código, o mundo da natureza onde têm exercício apenas as forças do “Eu”, os grandes estímulos da subversão [...] As pessoas aí realizam o impossível, isto é, a comunicação comum além de todo espaço e permanência, o confronto aceito da destruição e da sexualidade (DUVIGNAUD, 1983. P. 68).

condições e do papel que desempenham em uma coletividade organizada. Então, a empatia ou a proximidade constituem os suportes de uma experiência que acentua intensamente as relações emocionais e os contatos afetivos, que multiplica ao infinito as comunicações, e efetua, repentinamente, uma abertura recíproca [...] (DUVIGNAUD, 1983. p. 68).

Nota-se por outro lado, que o ato festivo nas sociedades tradicionais torna possível a aproximação e a constituição de um espaço fraternal, por meio das sociabilidades do grupo que ritualiza e sacraliza o espaço e seus símbolos sagrados. É através do encontro festivo que, de fato, torna-se possível a aproximação e a experiência humana em coletividade. Ou seja, as festas produzem à acentuação do afetivo e do sensível. “[...] Elas não são coletivas apenas porque uma pluralidade de indivíduos reunidos dela participa, mas porque são atividades do grupo e por que é o grupo que elas exprimem” (MAUSS, 1974. p. 295).

Partindo dessa premissa, é possível entender que a ritualidade presente na sociedade, por meio das festas em comunidades, permite observar os momentos culminantes do encontro entre sujeitos, expressando os tempos fortes, o ritmo e a intensidade da vida. É na multiplicidade das relações (religiosas, econômicas, sociais etc.), que se pode compreender o porquê das festas se diferenciarem de qualquer outra cerimônia. Com efeito, se essa definição parece bastante apropriada para definir a diversidade das festas, é necessário enfatizar, por outro lado, a necessidade de atenção aos aspectos singulares de cada manifestação, uma vez que há uma variedade de festas e ritualizações de caráter simbólico, histórico e cultural.

Cada vez mais historiadores se debruçam sobre os estudos das festividades como campo capaz de analisar e conhecer a “coletividade, identificar atitudes, comportamentos, tensões, visões de mundo, representações culturais e simbólicas” (COUTO, 2010. p. 17). Além destes aspectos, a festa analisada sobre a ótica da História converte-se em um campo ideal para se pensar a religiosidade popular, os costumes, crenças e agir do homem em sociedade.

A história cultural⁶ nasce nessa atmosfera, sensível às preocupações do tempo presente, e pensando o cotidiano de uma coletividade, ao mesmo tempo em que buscava explorar novas vias de conexão interpretativa entre passado e presente.

A História Cultural propõe entender a sensibilidade nos códigos sociais e

⁶Na história cultural os interesses se voltam para uma história preocupada com anônimos, seus modos de viver, sentir e pensar. Resgatando a importância das experiências individuais.

culturais atuantes na sociedade, indicando a construção histórica a partir deles. Nisso, “[...] as sensibilidades de um outro tempo e de um outro no tempo, fazendo o passado existir no presente” (PESAVENTO, 2005, p. 2). É assim que diferentes historiadores, da chamada vertente História Cultural vão mergulhar nas pesquisas e descrições dos costumes e atos festivos das sociedades⁷. Para Vovelle (1991) interpretado por Couto:

[...] a festa torna-se um campo maravilhoso para o historiador, pois é diante da ritualidade, da sociabilidade que a festa propõe que o grupo ou uma coletividade projete simbolicamente sua representação de mundo, e até filtra meteoricamente todas as suas tensões (VOVELLE, 1991, p. 246 -247 apud COUTO, 2010, p. 51).

De acordo com Vovelle (1991), a festa tem uma função de representar um determinado grupo social. Definindo e concebendo o sentido no nível das motivações inconscientes. É nas mentalidades da festa, que as lembranças, as memórias, as formas de resistências ganham sentido. Elas desnudam “a força de inércia das estruturas mentais” (VOVELLE, 1991, p.19 apud COUTO, 2010, p. 51). Além disso, este autor também considera que a festa, assim como a História, não é imóvel, pois é na mutação, movimento e na longa duração que os festejos são constantemente (re) criados e reapropriados. Assim, Vovelle desenvolve de forma pioneira aquilo que os etnólogos, antropólogos e folclorista vão tematizar na década de 1970, afirmando que a festa não se confunde com imobilidade:

[...] assim como não há uma História imóvel, também não há uma festa imóvel. A festa na longa duração, assim como a podemos analisar através dos séculos, não é uma estrutura fixa, mas um continuar de mutações, de transições, de inclusão com uma das mãos e afastamento com a outra (VOVELLE, 1991, p. 251).

Mesmo que os festejos repitam anualmente o festejar, isso não significa dizer que compõe uma estrutura fixa e rígida. Retornando a Vovelle (1991), nas festividades existem flutuações dos elementos, que aparecem e desaparecem, incorporando e possibilitando o ressurgimento e reatualização.

Somente nos anos de 1970, com a influência da História das

⁷A partir dos anos 70 do século XX, houve uma profunda (re) interpretação do cristianismo popular e suas festas e rituais. Historiadores e sociólogos como Le Goff, Michel Mollat, Natalie Davis, André Vauchez, Carlos Ginzburg, Georges Duby dentre outros estiveram preocupados com o comportamento religioso das massas. (COUTO, 2010, p. 52)

Mentalidades, é que “os historiadores da Europa vão se dedicar à análise de rituais, festas e devoções, temas estes pouco explorados antes pela História” (COUTO, 2010, p. 17). Suas análises não eram apenas descrições simplórias, mas exprimiam essencialmente o coletivo contido nos rituais e festividades analisadas.

Formas marcantes da civilização humana e que, por isso, não podemos explicá-las apenas como uma necessidade fisiológica. É preciso um elemento a mais, o espírito, as ideias, pois sem isso não pode existir, nenhum clima de festa (BAKHTIN, 1987, p. 4).

A partir dessas impressões, deve ser entendido que a festa é a expressão da vida em sociedade. E como expressão da vida social, constitui e estabelece diferentes mediações, expressões e interações do homem com o próprio homem, com a natureza e com a história.

Em suma, tanto a História, como a Antropologia e Sociologia têm ampliado o interesse pelo estudo da festa como fenômeno, expressão, interação, longa duração e expressão cultural do homem em sua coletividade. As interpretações, evidentemente, assumem diversos matizes, além de ganharem ao ser interpretadas de uma perspectiva interdisciplinar. Todos esses ingredientes tornam o estudo da festa um objeto formidável para a produção contínua de sentidos e significados. Da mesma forma que se operam trocas de informações, diferentes visões e novas abordagens podem enriquecer o espectro de estudos sobre tal temática.

3. O SAGRADO E O PROFANO: uma discussão conceitual

O termo *Sagrado* deriva do latim “sacer” e constitui numa das dimensões da vida religiosa ou designa uma área ou conjunto de realidades (seres, lugares, coisas ou momentos) que de certa forma estão separadas do mundo *profano*, manifestando um poder superior. Além do sentido religioso, o termo *sagrado* tem um sentido moral. Em relação à moral, o *sagrado* qualifica valores primordiais como a Liberdade e ou a Justiça. Eliade (1996), em seus estudos se baseia no conceito do *sagrado* como:

[...] um objeto qualquer se torna outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada não é menos pedra, aparentemente nada a distingue das demais. No entanto, para aqueles que são religiosos, cujos olhos revelam uma pedra como sagrada, sua realidade de imediato, transmuda-se, numa realidade sobrenatural. Assim, para aquele que tem uma experiência religiosa, toda a natureza é suscetível de revelar-se com sacralidade cósmica. E, o cosmo, na sua totalidade pode tornar-se uma hierofania (ELIADE, 1996, p. 18).

Com esse pensamento, entende-se que o autor expressa uma afirmação que retrata um mundo mesclado de valores religiosos, ainda que se saiba que, hoje, o homem moderno está cada vez mais banalizando e “dessacralizando” em si, o que é *sagrado*. O fenômeno da hierofania permanece, mas o homem não o visualiza e nem sente porque se tornou insensível à sacralidade, tornando-se não religioso, pois se torna fechado, com dificuldades de reencontrar as dimensões sagradas, aderentes ao ser humano religioso.

Para a compreensão do *sagrado* e do *profano*, temos que partir da concepção de que o homem é um sujeito essencialmente religioso que define a ideia de Deus com um poder que pode se manifestar de acordo com a fé de cada um. Com isso, é possível entender o papel das religiões em todas as sociedades e o poder que elas exercem sobre a visão de mundo dos diversos grupos sociais. Assim, *sagrado* e *profano* constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história.

Sobre o conceito de *sagrado* Eliade (1996) diz que:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta e se mostra como qualquer coisa absolutamente diferente do profano. Algo de sagrado que nos é mostrado, exemplo: a manifestação do sagrado num objeto qualquer, como uma pedra, uma árvore ou uma fonte. Algo diferente

de uma realidade que não pertence ao nosso mundo, mas que faz parte do nosso mundo profano (ELIADE, 1996, p. 19).

O autor diz ainda que o *sagrado* “é o traço essencial dos fenômenos religiosos, trata-se de um sentido que se define em oposição ao *profano*. *Sagrado* e *profano* falariam de dois mundos contrários em torno dos quais gravita a vida religiosa” (ELIADE, 1996, p. 22).

O *sagrado* equivale ao poder real, ou seja, realidade, perenidade e eficácia. A oposição entre *sagrado* e *profano* é na realidade a oposição entre o real e irreal. O homem religioso deseja ardentemente ser e participar da realidade e saturar-se de poder. Para ele, o espaço *sagrado* é o ponto fixo por onde tudo deve começar passando do caos à ordem e o ponto fixo torna-se o Centro, ou seja, *Deus*.

São os espaços dotados de características religiosas que costumam provocar maior desejo de serem vistos e visitados por todos, mesmo que o indivíduo não tenha ligações diretas com a religião que fundou aquele espaço.

O desejo do homem de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver em um mundo real e eficiente - e não numa ilusão (ELIADE, 1996, p. 32).

A palavra *Profano* origina-se do latim “*profanus*”, ou seja, o que é estranho à religião ou o que não está de acordo com os preceitos religiosos⁸. Analisando os conceitos de *sagrado* e *profano*, percebeu-se que ambos têm definições próprias, mas, que existe uma variação de interpretações quando são analisadas e olhadas pela ótica de cada sistema religioso. No entanto, essas definições só podem ser dadas um mediante a definição do outro. Assim, esse binômio *sagrado/profano* diverge e se converge dando sentido às pessoas, acontecimentos, lugares, ações e objetos.

Partindo dessa ótica Eliade (1996) considera que:

[...] a existência profana não se encontra em estado puro, pois o homem não consegue abolir completamente o comportamento religioso, mesmo que tenha optado por uma vida profana, assim ao analisarmos sociedades modernas e urbanas, industrializadas, podemos encontrar manifestações consideradas como profanas, mas que carregam implicitamente simbolismos mágicos ou religiosos que revelam uma outra realidade, diferente daquela que ele experimenta no seu cotidiano, como por exemplo, certos espaços privilegiados: paisagem de uma cidade visitada pela

⁸ Dicionário online de português. www.dicio.com.br/profano. Acesso: 20/09/2018.

primeira vez, o solo da terra natal, lugares dos primeiros amores, e que por serem únicos, revelam outra realidade (ELIADE, 1996, p. 23).

O binômio *sagrado/profano* como realidades opostas são perceptíveis em qualquer espaço ou cultura. Porém, vale lembrar que os templos e as casas são fundamentalmente espaços considerados sagrados independente do lugar onde se encontram. A *porta* passa a ser o limiar que separa os dois espaços e indica a distancia entre os dois modos de ser, seja ele *profano* ou *sagrado*.

O templo em todas as religiões torna-se o meio de comunicação com o mundo dos deuses. Em contrapartida, a casa cuja função é abrigar o homem, torna-se também um espaço sagrado, pois ao transpor a porta, o limiar, já não é mais a casa e sim o lar, local de convivência e privacidade (ELIADE, 1996, p. 25).

Neste sentido, podemos nos reportar ao tempo *sagrado* e ao tempo *profano*, pois, nas festas periódicas, em geral, existem os dois tempos festivos - *sagrados e profanos* dentro do mesmo espaço. Portanto, se tratando das festas em devoção aos santos, podemos perceber que esse antagonismo se faz presente dependendo do sentido atribuído e da adesão de cada participante. Contudo, na religiosidade de povos antigos não existia a separação entre ambos. “Na Idade Média, os espetáculos populares, rotulados como pagãos, eram permitidos durante os festejos religiosos. Eles se manifestavam por meio de diversos elementos como: a música, o folgado e a comida” (CARNEIRO, 2008, p. 19).

A religião era o centro da vida e tudo o que norteava a vida do ser humano estava intimamente ligado a ela. O plantio da terra, a colheita, a procriação, as formas de diversões eram expressões religiosas com oferendas e agradecimentos aos deuses. Acrescente-se, ainda, que as festas de Dionísio, divindade Greco-Romana, eram uma mistura de danças, orgias, atos sexuais onde se misturavam a natureza *sagrada* e *profana* de forma natural. “Os vários deuses eram espíritos evoluídos que apreciavam as coisas dos homens, assim, o divino também se tornava terreno e pecador” (ELIADE, 1996, p. 26).

Nestes termos, o *sagrado* se manifesta em oposição ao *profano*, mas, ambos, integrados no contexto das festas fazem parte de duas dimensões antagônicas uma sacralizada e outra dessacralizada.

Para Eliade (1996) o *sagrado* é aquilo que se distingue totalmente do comum, é algo que se revela completamente diferente do mundo cotidiano.

O que se revela como sagrado não pertence ao mundo comum, é algo que transcende este mundo, que é incrivelmente superior a ele. O sagrado e o profano formam assim, segundo a uma dialética onde um impõe e pressupõe o outro de forma que seria impossível compreender o primeiro sem o segundo. Esta relação é tão extrema que, se contrapomos tais elementos de forma lógica, percebemos que, se todo o mundo fosse sagrado, este então estaria de tal forma dissolvido no mundo que não poderia ser diferenciado e se confundiria com tudo aquilo que não tem valor e significado (ELIADE, 1996, p. 42).

O sagrado e o profano interagem de forma invariável, o mais importante é que a grande relação de oposição entre ambos recai na transcendência do sagrado, pois se ele se destaca do profano é exatamente porque o transcende. O que devemos esclarecer a princípio é exatamente ao que se refere esta oposição, pois ela não consiste apenas em uma simples contraposição de antagonismos.

4. O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DOS AFLITOS: o contexto histórico

O festejo em honra a *Nossa Senhora dos Aflitos* em Santa Quitéria do Maranhão acontece todos os anos entre os dias 29 de agosto a 08 de setembro. Esta festa tem mais de cem anos de existência, segundo relatos de dona Maria José (95 anos) e de Maria da Conceição Almeida Feitosa (80 anos) que dizem que o *festejo da santa* acontece desde antes da emancipação política do município em 1938, quando era apenas um pequeno povoado chamado de Vila de Santa Quitéria.

Devido a expansão da festa, pessoas de outros lugares eram atraídas pela animação e devoção que o festejo proporcionava. Daí nasceu a necessidade de organizar melhor o ambiente do festejo. Segundo dona Maria José (95 anos) uma das primeiras providências foi a substituição da pequena imagem de *Nossa Senhora dos Aflitos* por uma maior, ficando a pequena, somente para os ajudantes do festejo “*tirarem joias*”, ou seja, um pequeno grupo passava de casa em casa pedindo “*uma joia para a Santa*” – que podia ser dinheiro, alimentos ou aves. O dinheiro arrecadado era usado na compra de gêneros alimentícios, os quais eram, em sua maioria, arroz, feijão, farinha e goma. Tudo o que era doado servia para ser leiloado. Trata-se de um costume que perdurou até a década de 1970.

Diante dessa necessidade, o chefe político da época, Arcelino Camões Lima, em 1920, resolveu comprar uma imagem grande. Ao recebê-la tal foi a surpresa porque houve uma troca na entrega. A imagem de *Nossa Senhora dos Aflitos* foi para o Ceará e a imagem de *Nossa Senhora do Carmo* ficou em Santa Quitéria e, por isso, a mesma foi “batizada” com o título de *Senhora dos Aflitos* pelo Pe. Nestor Cunha. E, assim, permaneceu até o ano de 1996 quando voltou a ser chamada pelo seu título original, mas, festejada em outra data, no mês de Julho.

Vale lembrar que o evento religioso do que se trata foi, desde seu início, organizado pelo povo da comunidade junto com o padre Nestor Cunha de São Bernardo-Ma e o Monsenhor Capelão Hélio Maranhão da cidade de Brejo-Ma, até 1979. A partir daí, chegou para assumir a paróquia de Santa Quitéria, André Mayszor, o primeiro Vigário da Paróquia Santa Quitéria do Maranhão, empossado no dia seis de Agosto de mil novecentos e setenta e nove, na capela São José, na cidade nova, numa cerimônia que teve como ponto alto a leitura solene da Provisão,

termo de posse, feita pelo Sr. Anderson Carvalho⁹. O mesmo permaneceu na Paróquia pouco mais de um ano. Depois, veio o seu sucessor Pe. Américo de Oliveira Henrique, português, o qual foi um marco da história da queda da oligarquia Pedrosa, na Educação e na expansão da fé católica em todo o município de Santa Quitéria. Padre Américo permaneceu em Santa Quitéria até julho de 2018. Devido a idade e fragilidade de sua saúde, retornou para junto de sua família em Portugal. Depois, assumiu a paróquia o padre André Nivaldo. Este foi sucedido pelo padre Oriosvaldo Bezerra que atualmente é o responsável pela paróquia.

Para que se tenha uma ideia da presença do sagrado e do profano no contexto histórico do festejo da padroeira *Nossa Senhora dos Aflitos* é preciso adentrar nas questões políticas porque estão intrinsecamente ligadas, pois, além de outros fatores, estas, influenciaram de forma direta, na transferência do festejo da sede velha da cidade para a nova, em 1982. Isso foi impactante, pois provocou indignação em muitas pessoas que, ainda hoje, expressam resquícios de revolta e mágoa, pois, segundo elas, foi bruscamente quebrada uma tradição de mais de cem anos.

Isso se deu por conta de uma disputa eleitoral envolvendo os antigos mandatários da família Pedrosa filiados ao Partido Democrático Social - PDS, contra os integrantes do Partido dos Trabalhadores – PT, apoiados pelo Pe. Américo e grande parte da comunidade da *cidade nova*.

Nessa disputa, os moradores da sede velha, quase de forma unânime, ficaram do lado da família Pedrosa, a qual chegou ao ponto de proibir a presença do padre Américo para as celebrações do festejo na Igreja. Essa posição provocou a invasão da Igreja ainda localizada na sede velha por trabalhadores partidários do PT reivindicando o direito do padre exercer suas funções, ou seja, celebrar a missa dentro da Igreja. Enquanto isso, havia uma reação enérgica dos adeptos da família Pedrosa que, como forma de resistência resolveu esconder a imagem da santa padroeira *Senhora dos Aflitos* na residência de um dos líderes da comunidade. Isso só aumentou a revolta dos opositores e os conflitos entre as comunidades de Santa Quitéria e Santa Quitéria Velha. Esse episódio aconteceu no ano de 1982, o ano de queda da família Pedrosa do poder, o qual durava uns quarenta e cinco anos.

⁹Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora dos Aflitos de Santa Quitéria, 1978-1986.

Esse antagonismo permaneceu por muito tempo. Como consequência, o *Festejo de Nossa Senhora dos Aflitos* passou a acontecer tanto na Igreja matriz em Santa Quitéria, quanto na comunidade de Santa Quitéria Velha em forma de rivalidades por cinco anos consecutivos na mesma data entre os anos de 1982-1986. Após esse período, houve mudanças políticas e alianças entre as duas comunidades que proporcionaram um ambiente mais harmônico e retornando ao padre o direito de exercer suas funções sacerdotais na cidade velha, onde havia sido impedido.

Diante dos novos fatos, o festejo de Santa Quitéria Velha passou a acontecer no mês de julho, com o título de *Nossa Senhora do Carmo*, e na sede nova com o título de *Nossa Senhora dos Aflitos*, permanecendo no mês de setembro até os dias atuais. Da mesma forma que permanecem as lembranças que motivam a saudade de muitas pessoas que viveram naquela época, como bem expressa Dona Maria José (95 anos), uma antiga moradora do lugar.

Aquele era um tempo bom que eu sinto muita saudade! Era muito animado. Cinco horinhas da manhã começava a alvorada. A Banda saía nas ruas com aqueles toques bonitos! O finado Paulo da Cruz, tocava que era uma beleza! Aqui todo mundo se preparava muito tempo antes do festejo para receber as pessoas que vinham de fora, pois esse era o tempo que as pessoas daqui se reuniam. Quando chegava a noite a gente ia pra novena e, depois de tudo, a banda ia pra prefeitura onde era o salão de festa. Isso era todo dia, tinha moça que caía as unhas de tanto dançar (Devota, 95 anos, transcrição de entrevista realizada pelo pesquisador, 2018).

Esse sentimento está impregnado em dona Terezinha Rodrigues (71 anos), Maria da Conceição Almeida Feitosa (80 anos) e Maria José (95 anos) que foram entrevistadas na cidade velha. Elas convivem com essas lembranças, e quando falam acabam externando a saudade dos bons tempos que, com carinho, são guardados na memória. Da mesma forma, Teodoro Peres Neto, uma das grandes personalidades do Maranhão, filho de Santa Quitéria, expressa em seu livro *“Nos Recantos e Contemplações de Santa Quitéria”*, de maneira romântica, a saudade. O autor dá ênfase aos acontecimentos mais marcantes de sua época inclusive a festa da Padroeira.

[...] havia animados leilões e quermesse. O que acontecia em meio a suntuosas pompas e empolgantes participações de todos os munícipes. Pode-se avaliar o quanto foi maviosa esta festa, onde todos os filhos da terra-mater, eufóricos e regozijantes, comungavam das mais profundas emoções (PERES NETO, 2005. p. 12).

4.1. A face sagrada do festejo

Ao longo de onze dias, entre vinte e nove de agosto a oito de setembro, o padre como representante da igreja, junto com a comunidade, realiza a celebração da missa. Esta, segundo São Pio, é “o sacrifício do corpo e sangue de Jesus Cristo sob as espécies do pão e do vinho, se oferece por mãos do sacerdote a Deus sobre o altar, memória e renovação do sacrifício da cruz”¹⁰. É, também, a celebração da vida, na qual o povo se reúne para cantar com muito entusiasmo louvando, agradecendo e pedindo graças a Deus. A mesma é composta de ritos, próprios da liturgia, que se conservam ao longo dos séculos até os dias atuais - *os Ritos Iniciais, a Liturgia da Palavra, a Liturgia Eucarística e os Ritos Finais*.

Foto 1: Andor com a imagem de Nossa Senhora dos Aflitos que fica em local de destaque durante o festejo



Fonte: LIMA (2018)

No *Rito Inicial* é entoado um canto referente à Nossa Senhora com palmas e muita animação. Posteriormente, o padre acolhe o povo com a bênção de Deus e de Maria.

O *Rito da Palavra* é o momento da proclamação da Palavra de Deus através das leituras bíblicas, seguida da homilia que o padre faz a ligação com a vida de Maria. E, como elementos do mesmo rito, faz-se a *Oração da Assembleia* pedindo a Deus pela intercessão da padroeira e a *Profissão de Fé*, que também faz

¹⁰ Catecismo Maior São Pio X-Quarta Parte, capítulo IV. Disponível em: www.sinaisos tempos.org/missa. Acesso em: 14/09/2018.

alusão a Virgem Maria, “Creio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra e em Jesus Cristo seu único filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria...”¹¹

A *Liturgia Eucarística* começa com o ofertório no qual muitos devotos depositam suas ofertas, em dinheiro, cumprindo suas promessas pelas graças recebidas por intermédio de *Nossa Senhora dos Aflitos*. O rito segue com a *Oração Eucarística*, a *Narrativa da Ceia* e a *Comunhão*.

Foto 2: Celebração Eucarística



Fonte: LIMA (2018)

O *Rito Final* é o que dá uma ênfase maior à devoção dos fiéis. Nesse espaço, é rezada a *Oração da Padroeira* que consiste numa série de pedidos por intercessão da *Virgem Santíssima*.

Nossa Senhora Mãe dos Aflitos

Lembrai-nos, ó Doce Mãe, Senhora dos Aflitos, de que nos foi dada por Jesus para nosso amparo e proteção! Cheios de confiança na vossa bondade, nós imploramos o vosso auxílio. Socorrei a mim e aqueles pelos quais eu rezo... (*colocar a intenção*).

Mãe querida, Senhora dos Aflitos, acolhei, Benigna, estas nossas súplicas e dignai-vos atendê-las. Estendei sobre nós a vossa intercessão, voltai para nós os vossos olhos misericordiosos.

Ave Maria, cheia de graça... (*reza a oração*).

Coração de Jesus Crucificado, fonte de amor e de perdão, tende piedade de nós! Ó Virgem, Mãe dos Aflitos, estendei vosso manto protetor sobre mim e minha família. Ó Virgem Gloriosa e Bendita. Amém!

Nossa Senhora dos Aflitos, rogai por nós! (FIGUEREDO & ANDRADE, 2017, p. 18)

Outro elemento é o canto da Ladainha, uma oração secular que:

¹¹ O DOMINGO. Semanário Litúrgico-Catequético. Ano LXXX-REMESSA XIII 7/10/2018, N° 46.

Significa súplica, mas, desde o início da Igreja ela foi utilizada para indicar não quaisquer súplicas, mas, as que eram rezadas em conjunto pelos fiéis que iam em procissão em diversas igrejas. As primeiras eram invocadas somente com o nome de Jesus. E, após um milagre ocorrido na cidade de Loreto (Itália), em 1291 surgiram as súplicas a Nossa Senhora invocando-a com seus principais títulos. Chama-se lauretana por ter sua origem em Loreto. Com o tempo, foram acrescentadas algumas invocações pelos Papas (NEVES, 2015, p. 117).

Esta oração é cantada num ritmo bem acelerado, com palmas e muita animação. Em seguida, são dados os avisos com a leitura da programação do dia seguinte e agradecimentos aos devotos e prossegue com o *Canto da Padroeira* no qual todos se voltam para a direção da imagem de *Nossa Senhora dos Aflitos* que está ornamentada com muitas flores e a animação toma conta de todos que saúdam a Mãe entre aplausos e “vivas”. Finalmente, o padre dá a bênção invocando em nome da Trindade Santa e de Maria.

Além desses eventos sagrados, o padre realiza outras ações que fazem parte da tradição da Igreja Católica e que podem ser ministrada fora do âmbito da missa que é a celebração do *Batismo, Confissão, Unção dos Enfermos e Matrimônio*. São chamados de *Sacramentos*. Segundo o Catecismo da Igreja Católica “é o sinal visível da realidade escondida da salvação” (NEVES, 2015, p. 221). É, também, “um ato ritual destinado aos fiéis para eles receberem a graça de Deus e destinado também para eles receberem a sacralidade a certos momentos e situações da vida cristã” (NEVES, 2015, p. 222).

Ao longo dos dias do festejo, o *Sacramento* mais ministrado é o *Batismo*, pois, se trata do:

Sacramento pelo qual nascemos para a graça de Deus e nos tornamos cristãos. Confere a primeira graça santificante que apaga o pecado original e também o atual, se o há; perdoa toda pena por eles devida; torna-nos capazes de receber os outros sacramentos (NEVES, 2015, p. 222).

Ainda fazendo menção a este *sacramento*, vale lembrar que entre os dias 29 de agosto a 08 de setembro são batizadas em torno de 130 a 150 crianças em sua maioria, de regiões circunvizinhas vindas de Brejo, São Bernardo, ou até mesmo de cidades do Piauí como Madeiro e Joca Marques. O maior número de batizados é realizado no último dia da Festa. É a culminância do festejo, por isso é de praxe a maioria das pessoas aguardarem esse momento festivo para batizados e casamentos. De modo geral, estas são pessoas simples do interior dos municípios vizinhos como Milagres do Maranhão e Madeiro - PI.

Por sua vez, o *Sacramento do Matrimônio* é realizado em menor escala. “É um sacramento instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo que estabelece uma união santa e indissolúvel entre um homem e uma mulher, e lhes dá a graça de se amarem um ao outro santamente, e de educarem santamente seus filhos” (NEVES, 2015, p. 231).

Do mesmo modo acontece no *Sacramento da Confissão*, ou seja, o *Sacramento da Reconciliação*, que consiste no arrependimento, confissão dos pecados a um sacerdote onde as pessoas de forma contrita confessam suas faltas para serem absolvidas. O padre aplica a *penitência* para que, uma vez cumprida, proporciona a *reconciliação com Cristo*. Ele acontece na modalidade comunitária, na qual a confissão é apenas para Deus e algumas são feitas individuais, ou seja, de modo auricular, onde as pessoas, de forma contrita, procuram o padre para expressarem seus arrependimentos e serem absolvidos dos pecados e aconselhados.

Há ainda a *Unção dos enfermos* que é um rito cristão realizado com óleo onde o padre unge o enfermo ou velho conferindo-lhes a graça espiritual e corporal. Outro evento de dimensão sagrada, que os devotos expressam sua fé, é a *Procissão*. Esta é ação que marca o final da festa da Padroeira. Trata-se de uma *peregrinação* pelas ruas da cidade com cantos e orações marianas em agradecimento e louvor a Deus pelas graças concedidas através da intercessão de *Nossa Senhora dos Aflitos*. Nessa caminhada, muitos devotos pagam suas promessas andando descalço usando as vestes semelhantes às da Santa; outros, ao entrarem na Igreja, vão de joelhos; e outros ainda vão segurando o andor da imagem que segue a Cruz à frente da procissão. São pagamentos de promessas pelas graças alcançadas.

Vale lembrar que das muitas pessoas que vêm para o festejo movem-se em busca de encontro espiritual pedindo graça e agradecendo sua concessão nas cerimônias religiosas. E, assim, se configura a sacralização da procissão e de outros elementos sagrados que compõem a festa da Padroeira. Estes elementos, assim como os outros, são:

[...] expressões que prolongam a vida da Igreja, mas não a substituem. Considerando os tempos litúrgicos, estes exercícios devem ser organizados de tal maneira que condigam com a Sagrada Liturgia, dela de alguma forma

derivem, para ela encaminhem o povo, pois que ela, por sua natureza, em muito os supera¹².

Nesse sentido, torna-se evidente que na dimensão do festejo, todos têm em comum o foco no sagrado. Em nome da fé os devotos se deslocam de seus lugares para virem ao encontro da Festa porque para eles o festejo significa crescimento espiritual.

4.2. A face profana do festejo

Não só do Sagrado é feito o festejo. Em vista disso, é necessário explorar a dimensão profana desta festa que assume um caráter místico de “riqueza cultural” no qual acontece a junção dessa duplicidade “sagrada e profana”. “O fenômeno religioso é constituído por crenças e ritos caracterizados como sagrados e profanos” (DURKHEIM, 1983, p. 32). A presença destes dois elementos caracteriza as festas religiosas e conduzem toda sua dinâmica.

A face do *profano* diz respeito a tudo aquilo que foge da lógica do sagrado. Em outros tempos e sociedades, em certo momento, não estava ausente da ação primordial dos deuses, porque participava do espaço sagrado ao passar pelo processo de ritualização para que pudesse ser incluído no “*cosmo*”¹³.

É preciso acrescentar que tal existência profana jamais se encontra em estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que se tenha chegado o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso e ainda é há recusa da sacralidade (ELIADE, 1992, p. 27).

Em vista disso, o *profano* é apresentado como algo mundano, pecaminoso, contrário aos preceitos de Deus. Entretanto, considerá-lo como tal, depende da cultura, da religião e do momento histórico de cada sociedade, porque nem sempre está separado do seu opositor, o sagrado. Afinal, sempre existiu uma estreita relação entre folia e religião desde as tradições cristãs da idade média, quando era permitida a realização de espetáculos, ditos pagãos, pois “naquela época no meio das celebrações católicas onde os elementos festivos e simbólicos eram revestidos de natureza sagrada e profana” (CARNEIRO, 2008, p. 35).

¹² O DOMINGO. Semanário Litúrgico-Catequético. Ano LXXX-REMESSA XIII 7/10/2018, N° 46.

¹³ O DOMINGO. Semanário Litúrgico-Catequético. Ano LXXX-REMESSA XIII 7/10/2018, N° 46.

Os elementos profanos que fazem parte do Festejo em devoção a *Nossa Senhora dos Aflitos* se mantêm vivos ao longo da história como traços culturais e tradicionais, vem sofrendo mudanças por conta da modernização verificadas em todas as instâncias da sociedade brasileira. Trata-se das barracas, botequins, mastro, festas dançantes, jogos, leilão, banda de música (sopro) e parque de diversão.

No contexto dessa pluralidade de componentes profanos, estão os que são promovidos pela própria Igreja Católica. Referem-se à quermesse com todos os seus componentes. Estes são instalados no pátio da igreja durante as festividades. Além da animação, são realizados para angariar fundos para as despesas da Igreja.

O *mastro*, por sua vez, é o componente que demonstra explicitamente o *sagrado* e o *profano*, sendo que o último se destaca com mais intensidade.

O seu levantamento é uma tradição ancestral, de origem pagã celebrada, originalmente, em diversos países da Europa. É uma cerimônia em que um grupo de pessoas levanta um tronco de árvore. O seu sentido primeiro é a força e a fertilidade masculina da aldeia. Esta tradição terá sido integrada nas festas religiosas cristãs e, posteriormente, trazida para o Brasil por intermédio dos colonos¹⁴.

Com relação ao mastro do *Festejo de Nossa Senhora dos Aflitos*, constatou-se que, quase sempre, são as mesmas pessoas que cortam a madeira, preparam fazendo-o passar por um processo de enceramento e ornamentação com flores artificiais, e a bandeira com estampa da imagem da padroeira e, por último, uma cédula de valor razoável para, depois de o mastro ser fixado no chão, ser retirado por alguém que conseguir chegar até o topo. Todo o trabalho é feito por homens simples que, coletivamente, trabalham tocados por um espírito de satisfação e devoção. Alguns aproveitam da ocasião para tomar cachaça, outros para pagar promessas, outros ainda resumem suas participações do festejo somente nesse componente: o profano.

¹⁴ Levantamento do Mastro como virilidade. Levantamento-do-Mastro. Jornal de Notícias. [Wikipédia.org/wiki/Festa-do-mastro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Festa-do-mastro). Acesso em 20/08/2018

Foto 3: Bandeira de Nossa Senhora dos Aflitos que será hasteada



Fonte: LIMA (2010)

O *Mastro* é um veículo que traz animação e abre o festejo com uma grande passeata pelas ruas. Logo pela manhã ele é posto em algum ponto da cidade pela equipe responsável, e já inicia a animação com foguetes, cachaça e, por conta disso, o grupo de homens vai aumentando na mesma proporção, bem como, a expectativa com o grande momento que se concretiza com a passeata que inicia às 16:0h acompanhada por uma banda de música seguindo de rua em rua, com muita animação, bebidas, gritos de “*viva a padroeira!*”, “*viva!*”.

Os “*vivas!*” vão sendo repetidos inúmeras vezes em meio aos estrondos dos foguetes, e a euforia tomando conta dos participantes (muitos já alcoolizados), no qual, vai crescendo o número na medida que segue seu percurso. Finalmente o mastro chega no recinto da igreja, o sino toca e o eco se mistura com os “*vivas!*” e o barulho das explosões dos fogos. O mastro é levado para dentro da igreja para a cerimônia. A essa altura dos acontecimentos, muitos dos seus carregadores já estão embriagados, mas, se esforçam e adentram colocando o tronco do mastro abaixo do altar, onde é dada a bênção pelo sacerdote. Posteriormente, é levado para fazer o levantamento exigindo esforço físico. Em seguida é fixado no chão e começa a competição para subir no mastro encerado e pagar o dinheiro que está na ponta. Quem consegue é premiado com a cédula.

Foto 4: Levantamento do mastro



Fonte: LIMA (2018)

É importante ressaltar que, apesar do enorme tamanho, os trinta metros de mastro, tornam-se pequeno para tanta gente, pois além daqueles que carregam por obrigação, há também os que carregam por devoção. Estes são os que fazem promessas, muitos renunciam suas sandálias durante a caminhada. Uma expressão de fé vista em tantos homens e mulheres que preferem esta modalidade de pagamento de promessa. Em entrevista a uma dessas pagadoras de promessa, Dona Maria da Conceição Almeida Feitosa que tem 80 anos, foi perguntado o porquê de pagar promessa ajudando sustentar o mastro, já que existe uma forma mais cômoda que seria a procissão. Ela respondeu:

Eu custumo pagar promessa qui eu faço é cum istoço, quando num é pa andar de juêi é pa ajudar carregar o masto, mêmosintindo a catinga da cachaça pois o nosso Sihô Jesus Cristo carregô um peso maior purnóis e toda vez, eu mim lembro é dele. Dêrnaqui eu mim intindi eu via os maivéifazer assim. A miha vó mim insinô assim (Devota, 80 anos, transcrição de entrevista realizada pelo pesquisador, 2018).

Outro elemento que faz parte do rol de eventos profanos é a *quermesse*. A sua origem está ligada ao catolicismo. Era a festa do Santo Padroeiro da Paróquia ou aniversário da Igreja. Com o tempo foi perdendo a essência do sagrado, ou seja, o cunho religioso e no final da Idade Média estavam sendo consideradas um atentado aos bons costumes ao ponto do Rei da França, Carlos V proibir a

realização em mais de um dia, penalizando severamente a quem transgredisse o regulamento. Com o tempo, voltaram a ser realizadas¹⁵.

Nesse contexto, vale enfatizar que a *quermesse* se configura nas festas religiosas com as mesmas características. Sem muitas diferenças, no festejo de *Nossa Senhora dos Aflitos*, é realizada no recinto da Igreja. É composta por música tocada com instrumentos de sopro executando diversos ritmos, numa mistura de música sacra e profana. Torna-se um atrativo responsável pela animação da festa, principalmente, para as pessoas de idade mais avançada, que em geral é o público que mais se faz presente valorizando aquele ambiente, porque muitos revivem boas lembranças do tempo em que as festa eram tocadas daquela forma.

Foto 5: Músicos que animam as noites na *quermesse*



Fonte: LIMA (2018)

Enquanto isso está acontecendo o leilão, prática herdada da “Antiguidade, época em que era comum leiloar mulheres”¹⁶. Ao longo dos séculos, os leilões foram se aperfeiçoando e novas modalidades foram surgindo. É uma espécie de “venda pública a quem oferecer maior lance”¹⁷. Na *quermesse* as pessoas ficam ao redor de uma grande mesa e se divertem com os valores das “*joias*” ofertadas por membros das comunidades e bairros responsáveis por aquela noite de festa dando seus lances numa disputa do “*quem dar mais*”. Ao mesmo tempo estão as vendas de bolos, mingau de milho, sucos, creme de galinha e outras variedades de comidas que também são doadas por fieis. São vendidos também camisas com a imagem da padroeira e muitos outros artigos religiosos que as pessoas compram para guardarem de lembranças da festa ou para presentear amigos e familiares que

¹⁵ Quermesse. 24 pt.wikipedia.org/wiki/Quermesse. Acesso: 15/10/2018.

¹⁶ Quermesse. 24 pt.wikipedia.org/wiki/Quermesse. Acesso: 15/10/2018.

¹⁷ Quermesse. 24 pt.wikipedia.org/wiki/Quermesse. Acesso: 15/10/2018.

moram em outras cidades. Este é, portanto, o elenco de elementos que fazem parte da “natureza profana” do festejo. Entretanto, muitas pessoas não concordarem com esse termo, deixaram claro, em suas entrevistas, que estes fazem parte da natureza do festejo, pois eles é que fazem a animação como relata a devota, Dona Terezinha Rodrigues (71 anos):

Sem essas coisas não teria graça, elas são a animação do festejo. Eu gosto muito da animação do leilão. Um bota um preço, outro bota um maior, e os outros ficam incentivando. Aquilo dar graça, ninguém quer ficar por baixo. O leilão é um divertimento. Ninguém se zanga com ninguém. Naquele meio ninguém ver briga(Devota, 71 anos, transcrição de entrevista realizada pelo pesquisador, 2018).

Além de ser um lugar privado, as pessoas que participam são os fiéis que vivem o espírito sacro do festejo. Não há venda de bebida alcoólica no recinto.

Foto 6: Roda do leilão



Fonte:LIMA (2018)

É assim que se configuram esses elementos de animação e dessa festividade. Da mesma forma acontece em tantas festas devocionárias no Brasil. Podemos tomar como exemplo o festejo de Juazeirinho, como bem relata Carneiro (2008), em sua dissertação sobre a “*Devoção e festa no sertão baiano: Juazeirinho*”:

Embora os membros da Igreja Católica atuem em separar os elementos sagrados e profanos, como forma de controlar e influenciar a devoção dos Santos por meio de atitudes que perpetuassem a influência das normas religiosas na sociedade, em Juazeirinho, percebeu-se que juntamente com a devoção aos santos católicos, elementos como músicas, peças teatrais, danças e comidas, configuram-se como um elemento importante, como relação entre os ritos religiosos (...). Pois, os elementos existentes ultrapassam o universo proposto pela Igreja, já que as orações oficiais católicas rezadas são relacionadas com a música e as danças locais voltadas pra a realidade da localidade (CARNEIRO, 2008, p. 36).

Assim fica evidente que, apesar de terem rótulos profanos, esses elementos têm sua importância cultural e social porque viabilizam a integração entre os devotos.

Há também os que se valem da ocasião do festejo para vender seus produtos por uma questão de sobrevivência. Estes, até no início da década de 1980 eram instalados nas imediações da Igreja Católica. Com a ampliação desse comércio, as barracas foram deslocadas e construídas num lugar mais amplo, ao redor da Praça JK, no centro da cidade que, inclusive, hoje já está pequeno, pois o número de vendedores cresceu demasiadamente no decorrer desses trinta anos.

Em meio a tantas barracas estão as de calçados, roupas, comidas, bebidas e uma grande variação de bugigangas. E até o final da década de 1990, existiam bordeis camuflados de bares. Meninas serviam de garçonetes e de prostitutas ao mesmo tempo. Hoje, esses pequenos prostíbulo não existem mais no meio das barracas, até porque estas eram feitas de palha e, essa modalidade foi extinta após a pavimentação das ruas e adotado um estilo mais moderno.

Vale ressaltar que esse é um período que aumenta por demasiada a venda de bebidas alcoólicas e de drogas na cidade e, como consequência, o aumento da violência, de furtos e da prostituição. Por conta disso, aumenta as ocorrências, apesar do reforço policial, e ainda, alteração do meio ambiente com grande quantidade de lixo e poluição sonora. Outro fator relevante nesse contexto são as festas dançantes.

Este é todo um conjunto de elementos profanos que, como visto, não tem nenhum vínculo com a sacralidade, portanto, o espírito profano é o envoltório de todos esses eventos que se apropriam da oportunidade das festas religiosas em devoção aos Santos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o festejo de *Nossa Senhora dos Aflitos* é um elemento intrínseco da religiosidade popular e tornou-se o meu objeto de estudo que em consonância com outras festas religiosas da mesma natureza, contém fenômenos sagrados e profanos. Estes são aqui fundamentados com base na historiografia dos povos antigos que mostra que não existia distinção entre ambos. Tudo era sagrado e a religião era o centro da vida, pois, todas as suas ações eram oferendas aos deuses e tudo era vivido de forma natural. A ideia de profano só surge quando é instaurado o conceito de *pecado*, separando assim, as ações sagradas e as ações profanas. Nesse contexto, sugere-se que diante dessas mesmas ações que, hora são sagradas e hora são profanas, leve-se em conta o contexto cultural e religioso para que se tenha a ideia, não do que é sagrado ou profano, mas quando é. Pois a natureza muda de acordo com o evento.

Em vista disso, torna-se necessário conhecer as diversas manifestações religiosas para entender e respeitar os caracteres de cada uma, sem um olhar que demonize as ações que expressam a fé de cada um, pois o que é profano para um pode ser sagrado para o outro e vice-versa.

A partir dessa análise, identifiquei de forma sucinta as duas faces do festejo de *Nossa Senhora dos Aflitos*; a sagrada com todos os seus componentes que, para muitas pessoas, a busca pela sacralidade é o motivo principal da festa, assim são movidas pela fé e pela devoção; e a face profana, um rol de componentes culturais e tradicionais que ao longo do tempo sofreram modificações, mas, que se tornam o maior atrativo da festa, para a maior parte das pessoas. Para estas, o festejo é para reencontrar a família, os amigos, participarem das serestas, frequentarem os botequins, irem à festa da última noite do festejo.

Utilizando o sentido do profano faz-se uma abordagem que merece ser analisada pelo seu caráter. Trata-se do conflito político no contexto do festejo no qual foi relatado neste trabalho que teve como consequência a mudança “forçada” da *Festa de Nossa Senhora dos Aflitos*, da sede Velha para a Nova, em 1982, dividindo as duas comunidades e quebrando uma tradição de mais de oitenta anos. Se analisarmos bem, não é difícil entender que tais atitudes foram de cunho profano, vistas pela ótica cristã.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**. Significados do festejar, no país que “não é sério”. Tese de doutorado apresentada ao departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BERAKASH. **O Homem é por natureza um ser religioso**. Disponível em: [HTTPS://berakash.blogspot.com/2012/.../o-homem-e-por-natureza-um-ser-religioso.html.br](https://berakash.blogspot.com/2012/.../o-homem-e-por-natureza-um-ser-religioso.html.br). Acesso em: 13/08/2018.

Catecismo Maior São Pio X-Quarta Parte, capítulo IV. Disponível em: www.sinais dos tempos.org/missa.-acesso 14-09-2012.

CARNEIRO, Kércia Dayana da Silva. **Devoção e festa no sertão baiano: Juazeirinho, 1930-2008. Conceição do Caité**. Disponível em: www.slidshare.net/BPJCA/devoo-e-festa-no-sertao-baiano. Acesso em: 12/08/2018.

COUTO, Edilece S. **A puxada do Mastro: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus – BA)**. Ilhéus: Editora da Universidade Livro do Mar e da Mata, 2010.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis - Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Dicionário online de português. www.dicio.com.br/profano. Acesso: 20/09/2018.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Ed. Universidade Federal do Ceará. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Abril cultural, 1968.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FIGUEREDO, D. Fenando & ANDRADE, Pe. Anderson. **Nossa Senhora Mãe dos Aflitos**. São Paulo: Palavras & Preces, 2017.

GINZBURG. Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JUQUEVICS, Vera Irene. **Festas religiosas: a materialidade da fé**. Curitiba-2004.

Levantamento do Mastro como virilidade. Levantamento-do-Mastro. Jornal de Notícias. Wikipédia.org/wiki/festa-do-mastro. Acesso em 20/08/2018.

Livro de Tombo. Paróquia Nossa Senhora dos Aflitos (1977-1986). Santa Quitéria-MA.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

NEVES, Demerval Pereira. **Catecismo da Igreja Católica**. nº774. S. Paulo: Edições Loyola, 2015.p.222. Disponível em: [htt://www.montfort.org.br/orações/index.htm](http://www.montfort.org.br/orações/index.htm). Acesso: 19/09/2018.

O DOMINGO. **Semanário Litúrgico Catequético**.Ano LXXX- Remessa XIII – 07-10- 2012-Nº46

PEREZ NETO, Teodoro. **Nos recantos e contemplações de Santa Quitéria/** Teodoro Perez Neto- São Luis: Editora Teodoro, 2005.p.87

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

WEBER, Florence. **Trabalho fora do trabalho**: Uma etnografia das recepções. Rio de Janeiro: Garomond, 1958.